THEODORE BOONE
O MIÚDO ADVOGADO

JOHN GRISHAM

THEODORE BOONE
O MIÚDO ADVOGADO

Tradução de
CATARINA ANDRADE

BERTRAND EDITORA
Lisboa 2013

Para Shea

Culpado...

Theo odiava pensar isto, pois nem uma única testemunha depusera ainda. Além disso, gostava de pensar que acreditava na presunção de inocência.

Culpado, disse Theo novamente para si mesmo. Por que razão não era capaz de seguir a lei e dar ao senhor Duffy o benefício da presunção de inocência? Por que razão não conseguia fazer o que os bons advogados devem fazer? Sentia-se frustrado com isto enquanto seguia atrás do senhor Duffy e dos seus advogados.

Faltava qualquer coisa neste caso e, tendo em conta o que já fora dito no tribunal, Theo suspeitava que o mistério nunca seria resolvido.

Capítulo 1

Theodore Boone era filho único e, por essa razão, geralmente tomava o pequeno-almoço sozinho. O seu pai, um advogado muito ocupado, tinha por hábito sair de casa muito cedo e encontrar-se com amigos para tomar café e conversar um bocado, sempre no mesmo restaurante, na baixa da cidade, todas as manhãs às sete horas. A mãe de Theo, também uma advogada muito ocupada, andava a tentar perder cinco quilos há pelo menos dez anos e, por causa disso, convencera-se de que o pequeno-almoço não devia ser mais que um café enquanto lia o jornal. Por isso, Theo comia sozinho, na mesa da cozinha, cereais com leite frio e sumo de laranja, sempre atento às horas. A casa dos Boone tinha relógios espalhados por todo o lado, um claro indício de pessoas organizadas.

Na verdade, ele não se encontrava completamente sozinho. Ao lado da sua cadeira, o cão também comia. *Judge* era um rafeiro autêntico, cuja idade e mistura de raças permanecia um mistério. Theo resgatara-o há dois anos de uma morte certa numa visita de última hora a um abrigo de animais, pelo que *Judge* lhe seria eternamente grato. Ele preferia *Cheerios,* tal como Theo, e comiam juntos em silêncio todas as manhãs.

Às oito da manhã, Theo passava as duas tigelas por água no lava-louça, voltava a pôr o leite e o sumo no frigorífico, ia até à sala e dava um beijo na face da mãe.

— Vou para a escola — dizia Theo.

— Tens dinheiro para o almoço? — perguntava-lhe a mãe, todas as manhãs, cinco vezes por semana.

— Sempre.

— E fizeste os trabalhos de casa?

— Na perfeição, mãe.

— E quando é que te volto a ver?

— Eu passo pelo escritório depois da escola.

Theo passava pelo escritório todos os dias depois das aulas, sem exceção, mas a senhora Boone perguntava sempre.

— Tem cuidado — disse ela — e lembra-te de sorrir.

Theo usava aparelho nos dentes há mais de dois anos e queria desesperadamente livrar-se dele. Contudo, enquanto isso não era possível, a mãe lembrava-lhe constantemente que devia sorrir e fazer do mundo um lugar mais feliz.

— Estou a sorrir, mãe.

— Adoro-te, Teddy.

— Também te adoro.

Theo, ainda a sorrir apesar de ter sido chamado «Teddy», colocou a mochila ao ombro, deu uma festinha na cabeça de *Judge* e despediu-se, saindo pela porta da cozinha. Montou na bicicleta e pedalou a grande velocidade pela Mallard Lane, uma rua estreita e coberta de folhas na parte mais antiga da cidade. Acenou ao senhor Nunnery, que já se encontrava no seu alpendre, a postos para passar outro longo dia a ver o que o pouco movimento trazia ao seu bairro, e passou rapidamente pela senhora Goodloe na curva sem lhe falar, pois ela perdera a audição e a maior parte do juízo também. Contudo, sorriu-lhe, mas ela não lhe retribuiu o sorriso. Os seus dentes tinham ficado algures em casa.

Eram os primeiros dias de primavera e o ar estava seco e frio. Theo pedalava rapidamente com o vento a picar-lhe o rosto. A sua primeira aula começava às oito e quarenta e ele tinha coisas importantes para fazer antes da escola. Cortou por uma rua secundária, acelerou por uma viela, esquivou-se do trânsito e passou a toda a velocidade por um sinal de *Stop*. Este era o seu território, o caminho que fazia todos os dias. Depois de quatro quarteirões, as casas davam lugar a escritórios, lojas e estabelecimentos comerciais. O tribunal local era o maior edifício na baixa de Strattenburg (o edifício dos correios era o segundo e a biblioteca o terceiro). Encontrava-se majestosamente situado no lado norte da Main Street, entre a ponte sobre o rio e o parque, repleto de miradouros, fontes e monumentos em honra daqueles que foram mortos em guerras. Theo adorava o tribunal, com a sua aparência autoritária, e as pessoas a apressarem-se com um ar importante de um lado para o outro, e as notificações sombrias e os horários afixados nos quadros informativos. Acima de tudo, Theo gostava das salas de audiência. Existiam umas pequenas, onde questões mais privadas eram resolvidas sem a presença de júri, e depois a sala principal no segundo andar, onde os advogados se batiam como gladiadores e os juízes governavam como reis.

Aos treze anos, Theo continuava indeciso em relação ao seu futuro. Um dia sonhava ser um famoso advogado em julgamentos, um daqueles que lidava com os casos mais importantes e nunca perdia perante um júri. No dia seguinte, sonhava ser um grande juiz, reconhecido pela sua sabedoria e justiça. Oscilava entre as duas possibilidades, mudando de ideias diariamente.

O átrio principal já estava movimentado nesta manhã de segunda-feira, como se os advogados e os seus clientes quisessem começar a semana o mais cedo possível. Estava muita gente à espera do elevador, por isso Theo subiu dois lanços de escadas a correr e atravessou rapidamente a ala

leste, onde decorriam as sessões do tribunal de família. A sua mãe era uma conceituada advogada de divórcios que representava sempre as esposas, e Theo conhecia muito bem esta área do edifício. Sendo que os casos de divórcio eram decididos por juízes, não eram utilizados júris e, visto que a maioria dos juízes preferia não ter uma audiência numerosa a assistir na resolução destes casos tão delicados, a sala de audiências era pequena. À porta desta sala, vários advogados amontoavam-se com o seu ar importante, obviamente não concordando uns com os outros em nada. Theo procurou no átrio, depois virou a esquina e viu a sua amiga.

Ela encontrava-se sentada num dos velhos bancos de madeira, sozinha, pequena e delicada, e nervosa. Quando ela o viu, sorriu e colocou a mão sobre a boca. Theo dirigiu-se apressadamente na sua direção e sentou-se ao seu lado, muito perto, com os joelhos a tocar nos dela. Se se tratasse de qualquer outra rapariga, Theo sentar-se-ia a pelo menos um metro dela e evitaria qualquer tipo de contacto físico.

Contudo, April Finnemore não era uma rapariga qualquer. Tinham começado o infantário ao mesmo tempo, aos quatro anos, numa escola da paróquia perto dali, e já eram melhores amigos desde que se lembrava de existir. Não eram namorados; eram demasiado novos para isso. Theo não conhecia um único rapaz de treze anos na sua turma que admitisse ter uma namorada. Bem pelo contrário. Não queriam ter nada que ver com isso. E as raparigas pensavam exatamente da mesma maneira. Theo fora avisado de que as coisas mudariam, e de forma radical, mas isso não lhe parecia muito provável.

April era apenas uma amiga, uma amiga que precisava muito de apoio neste momento. Os seus pais estavam a divorciar-se e Theo sentia-se aliviado pelo facto de a sua mãe não estar envolvida neste caso.

O divórcio não era surpresa para ninguém que conhecesse os Finnemore. O pai de April era um negociador de antiguidades excêntrico e baterista de uma velha banda de *rock,* que ainda tocava em clubes noturnos e fazia digressões que duravam semanas a fio. A mãe criava cabras e fazia queijo de cabra, que vendia de porta em porta pela cidade num carro fúnebre convertido, pintado de amarelo brilhante. Um velho macaco-aranha de bigodes cinzentos viajava no lugar do passageiro a mastigar ruidosamente o queijo, o qual nunca se vendera muito bem. O senhor Boone descrevera uma vez a família como «não tradicional», o que Theo entendeu ser o mesmo que dizer que eram estranhos. Ambos os pais haviam sido presos no passado por crimes relacionados com drogas, apesar de nenhum dos dois ter cumprido tempo de prisão.

— Estás bem? — perguntou Theo.

— Não — respondeu ela. — Odeio estar aqui.

April tinha um irmão mais velho chamado August e uma irmã mais velha, March, e ambos tinham fugido da família. August foi-se embora assim que terminou a escola secundária. March deixou a escola com dezasseis anos e saiu da cidade, deixando assim April sozinha a passar por este tormento. Theo sabia disto porque April lhe contava tudo. Ela tinha de o fazer. Precisava de alguém de fora da família para desabafar e Theo era o seu ouvinte.

— Eu não quero viver com nenhum deles — disse ela.

Era uma coisa terrível de se dizer, mas Theo entendia-a perfeitamente. Ele desprezava os pais de April pela maneira como a tratavam. Desprezava-os pelo caos que as suas vidas eram, pela sua negligência e crueldade para com April. Theo tinha uma longa lista de ressentimentos em relação ao senhor e à senhora Finnemore. Ele teria preferido fugir a ser obrigado a viver com eles. Theo não sabia de nenhum miúdo da cidade que alguma vez tivesse posto um pé dentro da casa dos Finnemore.

A audiência do divórcio já se arrastava há três dias, e April seria em breve chamada ao banco das testemunhas para depor. O juiz ia fazer-lhe a fatídica pergunta: «April, com qual dos teus pais queres viver?»

Mas April não sabia a resposta. Discutira o assunto com Theo durante horas e mesmo assim não sabia o que dizer.

A grande questão na cabeça de Theo era: «Porque é que ambos queriam a custódia de April?» Qualquer um dos dois havia negligenciado April de tantas maneiras. Ele ouvira muitas histórias, mas nunca repetira nenhuma delas.

— O que vais dizer? — perguntou Theo.

— Vou dizer ao juiz que quero ir viver com a minha tia Peg em Denver.

— Mas eu pensava que ela tinha dito que não.

— E disse.

— Então não podes dizer isso.

— Então o que é que eu posso dizer, Theo?

— A minha mãe aconselhar-te-ia a escolher a tua mãe. Eu sei que ela não é a tua primeira escolha, mas neste momento não tens uma primeira escolha.

— Mas o juiz pode fazer o que quiser, não é?

— Sim. Se tivesses catorze anos, podias tomar uma decisão vinculativa. Mas, tendo treze, o juiz apena leva em conta os teus desejos. Pelo que a minha mãe diz, o juiz raramente atribui a custódia ao pai. Joga pelo seguro. Escolhe a tua mãe.

April tinha umas calças de ganga vestidas, botas de montanhismo e uma camisola azul-escura. Raramente se vestia como uma rapariga, mas não havia qualquer dúvida quanto ao seu sexo. April limpou uma lágrima da face, mas conseguiu manter a compostura.

— Obrigada, Theo — disse ela.

— Gostava de poder ficar.

— E eu gostava de poder ir para a escola.

Ambos riram de modo um pouco forçado.

— Vou estar a pensar em ti. Sê forte.

— Obrigada, Theo.

O seu juiz preferido era o Meritíssimo Henry Gantry, e ele entrou na antecâmara do grande homem às oito e vinte da manhã.

— Ora, bom dia, Theo — disse a senhora Hardy.

Ela misturava algo no seu café enquanto se preparava para começar a trabalhar.

— Bom dia, senhora Hardy — respondeu Theo com um sorriso.

— E a que devemos esta honra? — perguntou ela.

A senhora Hardy era mais nova do que a mãe de Theo, pensava ele, e era muito bonita. De entre todas as secretárias do tribunal, ela era a preferida de Theo. A sua funcionária administrativa favorita era Jenny do tribunal de família.

— Preciso de falar com o juiz Gantry — respondeu Theo. — Ele está?

— Está sim, mas está muito ocupado.

— Por favor. Só demoro um minuto.

Ela deu um gole no seu café e perguntou:

— Isto tem alguma coisa que ver com o grande julgamento de amanhã?

— Tem sim, minha senhora. Gostava que a minha turma assistisse ao primeiro dia do julgamento, mas tenho de me certificar de que haverá lugares suficientes.

— Oh, Theo, não tenho a certeza — disse a senhora Hardy, franzindo o sobrolho e abanando a cabeça. — Estamos a contar com uma audiência numerosa amanhã. Vai ser difícil arranjar lugares.

— Posso falar com o juiz?

— Quantos são na tua turma?

— Dezasseis. Eu até pensei que nos pudéssemos sentar na galeria.

Ela ainda franzia o sobrolho quando pegou no telefone e carregou no botão. Esperou um segundo e depois disse:

— Sim, Meritíssimo, Theodore Boone está aqui e gostaria de vê-lo. Eu disse-lhe que estava muito ocupado.

A senhora Hardy continuou a ouvir e depois desligou o telefone.

— Despacha-te — disse ela, apontando para a porta do juiz.

Segundos depois, Theo encontrava-se em frente da maior secretária da cidade, uma secretária coberta de todo o tipo de papéis, ficheiros e dossiês volumosos, uma secretária que simbolizava o enorme poder do juiz Henry Gantry, que, naquele momento, não estava a sorrir. Na verdade, Theo tinha a certeza de que o juiz não sorria desde que ele lhe interrompera o trabalho. Theo, por sua vez, estava a tentar arduamente fazê-lo sorrir, mostrando um sorriso de metal de orelha a orelha.

— Exponha o seu caso — disse o juiz Gantry.

Theo ouvira-o proferir esta ordem muitas vezes. Já vira muitos advogados, bons advogados, levantarem-se e gaguejarem à procura das palavras, enquanto o juiz Gantry os olhava de sobrolho carregado. Ele não tinha essa expressão neste momento, nem usava a sua toga preta, mas mesmo assim era intimidante. Theo tossiu e viu um brilho inconfundível nos olhos do seu amigo.

— Sim, senhor... Bem, o meu professor, o senhor Mount, acha que conseguimos autorização do diretor da escola para fazermos uma visita de estudo ao tribunal, a fim de assistirmos à abertura do julgamento de amanhã.

Theo fez uma pausa, respirou fundo e disse a si mesmo para falar devagar, de forma clara e convincente, tal como todos os grandes advogados.

— Mas precisamos de ter os lugares garantidos. Pensei que talvez pudéssemos sentar-nos na galeria.

— Ah, pensaste?

— Sim, senhor.

— Quantos são?

— Dezasseis mais o senhor Mount.

O juiz pegou numa pasta de arquivo, abriu-a e começou a ler, como se se tivesse esquecido de repente que Theo aguardava à sua frente do outro lado da secretária. Theo esperou durante uns embaraçosos quinze segundos. Em seguida, o juiz disse abruptamente:

— Dezasseis lugares na galeria à frente, do lado esquerdo. Eu digo ao oficial de diligências para vos sentar quando faltarem dez minutos para as nove, amanhã. Espero de vocês um comportamento exemplar.

— Não se preocupe, senhor.

— Vou pedir à senhora Hardy que envie um *e-mail* ao vosso diretor.

— Obrigado, senhor.

— Podes ir, Theo. Desculpa estar tão ocupado.

— Não há problema, senhor.

Theo dirigia-se apressadamente para a porta quando o juiz disse:

— Diz-me, Theo, achas que o senhor Duffy é culpado?

Theo parou, virou-se e sem hesitar respondeu:

— Presume-se que seja inocente.

— Eu sei disso. Mas qual é a tua opinião em relação à sua culpa?

— Eu acho que ele o fez.

O juiz acenou ligeiramente com a cabeça, mas sem dar a entender se em concordância ou não.

— E o senhor, o que acha? — perguntou Theo.

Por fim, foi possível ver um sorriso.

— Eu sou um juiz justo e imparcial, Theo. Não tenho noções preconcebidas de culpa ou inocência.

— Estava à espera que dissesse isso.

— Até amanhã.

Theo abriu a porta e apressou-se a sair.

A senhora Hardy estava de pé, com as mãos nas ancas e a olhar fixamente para dois advogados nervosos que queriam falar com o juiz. Todos eles se calaram quando Theo saiu do gabinete do juiz Gantry. Theo sorriu para a senhora Hardy enquanto passava por ela, apressado.

— Obrigado — disse ao abrir a porta, e saiu.

Capítulo 2

Do tribunal à escola preparatória, Theo demorava quinze minutos de bicicleta se o percurso fosse feito como deve ser, obedecesse às regras de trânsito e não infringisse a lei. Normalmente, era assim que Theo percorria este caminho, exceto quando já estava um pouco atrasado. Pedalou velozmente pela Market Street em sentido contrário, atravessou-se na curva, mesmo em frente a um carro, percorreu o parque de estacionamento a grande velocidade, circulou pelos passeios sempre que possível, e em seguida — a transgressão mais grave de todas — esgueirou-se entre duas casas na Elm Street. Theo ouviu alguém gritar de um alpendre que ficou para trás, até chegar a um beco que dava para o parque de estacionamento dos professores nas traseiras da escola. Olhou para o relógio — nove minutos. Nada mal.

Parou no estacionamento para bicicletas junto ao mastro da bandeira da escola, prendeu a bicicleta com uma corrente e entrou com um grupo de miúdos que acabava de chegar de autocarro. A campainha das oito e quarenta tocou assim que ele entrou na sua sala de aula e cumprimentou o senhor Mount, que não só lhe dava aulas, como também era seu orientador.

— Falei com o juiz Gantry — disse Theo junto à secretária do professor, uma secretária bastante mais pequena

que aquela que acabara de ver no tribunal. A sala estava ruidosa com a habitual agitação da manhã. Estavam presentes os dezasseis rapazes e pareciam estar todos envolvidos em brincadeiras, brigas, piadas ou jogos de encontrões.

— E?

— Consegui os lugares. Logo de manhãzinha.

— Excelente. Bom trabalho, Theo.

Por fim, o senhor Mount, pôs ordem na sala, fez a chamada de presenças e as comunicações que tinha a fazer e, dez minutos depois, mandou os rapazes para a sala ao fundo do corredor, para a aula de espanhol com a senhora Monique. Era visível um namorico envergonhado entre as salas quando os rapazes e as raparigas se misturavam. Durante as aulas encontravam-se «separados por sexo», de acordo com uma nova política adotada pelas pessoas inteligentes e responsáveis pela educação das crianças da cidade. Rapazes e raparigas podiam misturar-se durante o resto do tempo.

A professora Monique era uma senhora alta e de pele escura, proveniente dos Camarões na África Ocidental. Mudara-se para Strattenburg há três anos com o marido, também ele dos Camarões, e arranjara emprego no colégio local onde ensinava línguas. Ela não era a típica professora de secundário, bem longe disso. Crescera em África a falar *beti,* o dialeto da sua tribo, e também francês e inglês, as línguas oficiais dos Camarões. O seu pai era médico e, como tal, mandou-a para uma escola na Suíça, onde aprendeu alemão e italiano. O seu espanhol fora aperfeiçoado durante o tempo que estudara num colégio em Madrid. De momento, encontrava-se a estudar russo e planeava passar para o mandarim em breve. A sua sala encontrava-se repleta de mapas do mundo, grandes e coloridos, e os seus alunos acreditavam que a senhora Monique estivera em todo o mundo, vira tudo o que há para ver e sabia falar qualquer língua. Ela dizia-lhes sempre: «O mundo é enorme e na

maioria dos países é falada mais do que uma língua.» Enquanto os alunos se concentravam no espanhol, eram também incentivados a explorar outras línguas.

A mãe de Theo estudava espanhol há vinte anos, e, quando andava na pré-escola, Theo aprendera com ela muitas palavras e frases básicas. Alguns dos clientes da mãe eram provenientes da América Central e, quando Theo os via no seu escritório, dispunha-se logo a praticar. Eles achavam sempre aquilo uma coisa encantadora.

A senhora Monique dissera a Theo que ele tinha ouvido para línguas e isto motivava-o a estudar ainda mais. Os alunos mais curiosos pediam à senhora Monique para dizer algo em alemão ou falar em italiano. Ela acedia, mas antes o aluno que fazia o pedido tinha de se levantar e dizer algumas palavras nessa mesma língua. Eram atribuídos pontos extras e isto criava um grande entusiasmo. A maior parte dos rapazes da turma de Theo sabia dizer umas quantas palavras em várias línguas. Aaron, filho de mãe espanhola e pai alemão, era de longe o linguista mais talentoso. Contudo, Theo estava determinado a apanhá-lo. O espanhol, a seguir a administração e organização política, era a sua disciplina preferida, e a senhora Monique era a sua professora favorita, depois do senhor Mount. Hoje, contudo, Theo sentia uma enorme dificuldade em concentrar-se. Estavam a trabalhar os verbos espanhóis, uma tarefa já de si entediante num dia normal, e a cabeça de Theo encontrava-se noutro lugar. Estava preocupado com April e a pensar no dia horrível que ela tinha pela frente no banco das testemunhas. Não conseguia imaginar o terror de ser forçado a escolher um dos pais em detrimento do outro. Mesmo quando conseguia afastar os pensamentos relacionados com April, Theo era consumido pelo julgamento do caso de homicídio e mal podia esperar que o dia de amanhã chegasse para ouvir as alegações iniciais dos advogados.

A maior parte dos seus colegas de turma sonhava arranjar bilhetes para um jogo importante ou para um concerto. Theo Boone vivia para grandes julgamentos.

A segunda aula era de geometria com a senhora Garman. Depois, tinham um pequeno intervalo no exterior e a seguir voltavam para dentro da sala de aula, com o senhor Mount, para a melhor hora do dia, pelo menos na opinião de Theo. O senhor Mount encontrava-se na casa dos trinta e poucos anos e trabalhara numa grande sociedade de advogados, sediada num arranha-céus em Chicago. O seu irmão era advogado. O seu pai e avô tinham sido advogados e juízes. Contudo, o senhor Mount fartara-se das longas horas e da muita pressão do trabalho e, a bem dizer, despediu-se. Virou as costas a um grande ordenado e encontrou algo bastante mais gratificante. Ele adorava ensinar e, apesar de ainda se considerar um advogado, achava a sala de aulas muito mais importante do que a sala de audiências.

Devido ao seu vasto conhecimento de leis, o senhor Mount dedicava a maior parte do tempo da sua aula de administração e organização política a discutir casos, antigos e novos, bem como fictícios que passavam na televisão.

— Muito bem, meus senhores — começava ele quando todos se encontravam sentados e em silêncio. Ele tratava-os sempre por «senhores» e, para rapazes de treze anos, não existia maior elogio.

— Amanhã quero-vos aqui às oito e um quarto. Apanhamos o autocarro para o tribunal e estaremos sentados a tempo e horas. É uma visita de estudo, aprovada pelo diretor, por isso têm dispensa de todas as outras aulas. Tragam dinheiro para o lanche e comeremos no Pappy's Deli. Alguma pergunta?

Os «senhores» estavam suspensos de cada palavra, a excitação dominava os seus rostos.

— Podemos levar as mochilas? — perguntou alguém.

— Não — respondeu o senhor Mount —, não se pode levar nada para dentro da sala de audiências. A segurança vai ser apertada. Afinal de contas, é o primeiro julgamento de um caso de homicídio a ser realizado aqui em muito tempo. Mais perguntas?

— O que devemos vestir?

Lentamente, todos olharam para Theo, incluindo o senhor Mount. Era bem sabido que Theo passava mais tempo no tribunal que a maior parte dos advogados.

— Casaco e gravata, Theo? — perguntou o senhor Mount.

— Não, de todo. O que temos vestido neste momento está bem.

— Muito bem. Mais perguntas? Ainda bem. Pedi ao Theo que preparasse uma simulação do que se vai passar amanhã, para nos dar uma ideia da disposição da sala de audiências, quem são os intervenientes, dizer-nos mais ou menos o que esperar. Theo.

O computador portátil de Theo já estava ligado ao projetor da sala. Dirigiu-se para a frente da turma, carregou numa tecla e apareceu na tela branca para projeção digital um enorme diagrama.

— Esta é a sala de audiências principal — disse Theo, com a melhor voz de advogado que era capaz de fazer. Tinha na mão um ponteiro laser com uma luz vermelha, que agitava de um lado para o outro sobre o diagrama.

— No cimo da sala, ao centro, temos o banco do juiz. É aqui que o juiz se senta e conduz o julgamento. Não sei bem porque lhe chamam banco, quando parece bem mais um trono. Mas, de qualquer das formas, vamos chamar-lhe banco. O juiz deste caso é Henry Gantry.

Tocou noutra tecla e apareceu uma grande fotografia formal do juiz Gantry. Toga preta, rosto sombrio. Theo diminuiu o tamanho da fotografia e arrastou-a para o banco do juiz. Com o juiz em posição, continuou.

— Henry Gantry é juiz há mais de vinte anos e preside apenas em casos criminais. É severo no tribunal e é estimado pela maioria dos advogados.

Theo moveu o ponteiro laser para o meio da sala de audiências.

— Esta é a mesa da defesa, onde o senhor Duffy, o homem acusado do homicídio, estará sentado.

Theo carregou numa tecla e apareceu uma fotografia a preto-e-branco, retirada de um jornal.

— Este é o senhor Duffy. Tem quarenta e nove anos, era casado com a senhora Duffy, que já faleceu, e, como todos sabemos, o senhor Duffy é acusado de a assassinar.

Theo reduziu o tamanho da fotografia e colocou-a na mesa da defesa.

— O seu advogado é Clifford Nance, provavelmente o mais conceituado advogado de defesa nesta parte do estado.

A fotografia de Nance apareceu a cores, com um fato escuro e um sorriso que inspirava pouca confiança. Tinha cabelo grisalho, comprido e encaracolado. A sua fotografia foi reduzida e colocada ao lado da do seu cliente.

— Ao lado da mesa da defesa, encontramos a mesa da acusação. O advogado de acusação é Jack Hogan, que é também conhecido como procurador distrital (PD).

A fotografia de Hogan apareceu durante alguns segundos antes de ser reduzida e colocada na mesa ao lado da mesa de defesa.

— Onde encontraste essas fotografias? — perguntou alguém.

— Todos os anos a Ordem dos Advogados publica um diretório de todos os advogados e juízes — respondeu Theo.

— E tu estás incluído nesse diretório?

Este comentário suscitou algumas gargalhadas.

— Não. Mas, continuando, haverá outros advogados e auxiliares jurídicos em ambas as mesas, de acusação e de